

# CAPÍTULO 7

## A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA UTILIZANDO COMO INTERFACE A PESQUISA-AÇÃO

Vera Lucia Lopes Silveira  
Bruna Renata de Brito Dantas  
Gicelma Cláudia da Costa Xavier  
Juliano Alves de Deus  
José Lucas Pedreira Bueno

### RESUMO

A pesquisa na educação tem contribuído para o avanço na compreensão de diferentes temáticas inerentes ao contexto escolar. A Universidade tem um papel fundamental neste processo de construção do saber científico e vem colaborando com mudanças significativas na escola. Atualmente, a intensificação da criação de Programas de Pós-Graduação na modalidade Profissional, utilizando a pesquisa aplicada e a geração de um produto educacional, tem ampliado a discussão sobre a investigação científica na educação. O presente texto tem o intuito de discutir o enriquecimento da relação dialógica entre universidade e escola, utilizando como interface a pesquisa-ação. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com a contribuição de Thiollent (2006, 2011) caracterizando a pesquisa-ação e sua relevância na relação Escola-Universidade, Pimenta (2014) discutindo a pesquisa em educação, Ludke e André (1986), Bauer e Gaskell (2003) abordando elementos relacionados à pesquisa qualitativa, Franco (2012) analisando a relação entre pesquisa-ação e formação docente, Barbour (2009) e Gatti (2012) discutindo o grupo focal como técnica de investigação científica, entre outros. O diálogo entre a Universidade e escola vem se estruturando em uma base histórica e científica, construída a partir de conhecimentos teóricos e empíricos, que culminam na transposição didática. A pesquisa-ação pode ser uma alternativa para ampliar esta relação, integrando saberes e possibilitando a participação ativa da comunidade escolar no processo investigativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa-ação. Universidade. Escola. Técnicas de pesquisa qualitativa.

### 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa-ação, é entendida neste artigo como uma alternativa que possui relevância para a educação. Este tipo de investigação científica torna possível identificar, comprovar e intervir em diferentes temas educacionais, tais como: currículo, formação docente, didática, avaliação, etc. A pesquisa em Educação, do ponto de vista de sua natureza, pode ser básica, com enfoque em questões generalizantes e universais, na busca de resultados teóricos, para o avanço das discussões científicas; ou aplicada, com enfoque em questões específicas e locais, na busca por resultados a partir da aplicação prática, integrada ao estudo teórico já constituído, no intuito de gerar novos conhecimentos.

Posto isso, é pertinente conferir que a sociedade capitalista vem exigindo para os diversos campos sociais a aplicação de conhecimentos científicos. Os meios de produção e a maioria das instituições sociais que compõem a superestrutura social, sofrem os imperativos do

processo de globalização, na ampliação do uso dos recursos de informação e comunicação, da linguagem acelerada e objetiva, das tecnologias, do acesso à informação, entre outros, trazendo desafios para a escola e a universidade, que sofre a efemeridade das transformações sociais e, por conseguinte, das necessidades formativas da sociedade.

Diante deste cenário, no Brasil, houve a intensificação na criação de Programas de Pós-Graduação na modalidade Profissional, ofertando cursos de Mestrado e Doutorado; muitos da área da Educação e de áreas afins. Nesses, a pesquisa desenvolvida pelos estudantes é predominantemente aplicada e possui o objetivo de contribuir diretamente na solução de problemas locais e pontuais da vida cotidiana e profissional da escola e da universidade. Porém, em uma perspectiva de formação crítica e emancipatória, cria-se um paradoxo quanto ao papel social dessas instituições, pois: ao mesmo tempo que não pretende reproduzir os princípios da racionalidade técnica; é pressionada a construir produtos resultantes de pesquisa aplicada.

Nesse contexto, torna-se necessária a opção por uma vertente investigativa, que se aproprie da modalidade da pesquisa aplicada e a utilize na perspectiva de uma interação horizontalizada, solidária, participativa e crítica, que possibilite a contraposição de ideias, oportunizando voz à escola, ao aluno e ao professor, como sujeitos ativos e reflexivos dos processos formativos. A partir dessa concepção dialética entre escola e universidade, a pesquisa-ação tem se mostrado uma alternativa que ultrapassa alguns limites identificados no modo de fazer pesquisa tradicional. A sua característica principal, ao propor uma intervenção, apresenta uma ruptura com alguns modelos da investigação convencional científica e universitária.

A partir do exposto, o presente texto tem o intuito de discutir o enriquecimento da relação dialógica entre universidade e escola, utilizando como interface a pesquisa-ação. A primeira parte deste trabalho faz uma interpretação sobre a importância da pesquisa-ação na educação, propondo-a como ponto de intersecção, para a construção de conhecimentos com a participação ativa de todos os sujeitos envolvidos na investigação. A segunda parte, no intuito de contribuir para a ampliação deste método investigativo na relação Universidade-Escola, discute sobre o desenvolvimento metodológico de uma pesquisa-ação, apresentando alguns instrumentos que contribuirão para a produção de dados, e sua posterior análise. Nas considerações finais, são apresentadas algumas reflexões, resultantes das discussões realizadas neste trabalho.

## 2. A PESQUISA-AÇÃO COMO COMO UMA INTERFACE ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

É digno de nota que a universidade tem um papel relevante no desenvolvimento científico da educação básica. Sua atuação, tanto na formação inicial nos cursos de Licenciatura, como na formação continuada, ou na execução de projetos institucionais, em parceria com a escola, podem fomentar a prática educacional emancipatória. Para tanto, sua proposta de diálogo com a escola deve considerar os saberes docentes e os saberes científicos, possibilitando uma integração de conhecimentos que enriqueça o campo investigativo na educação e contribua para a formação de sujeitos críticos e atuantes (FRANCO, 2012, p. 199; TARDIF, 2012, p. 234). Uma alternativa para esta proposta é o trabalho de investigação a partir da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação consiste em um método de pesquisa, desenvolvido de forma experimental, por Kurt Lewin, em 1946. Seu objetivo era promover a integração de um grupo de minorias étnicas à sociedade norte-americana (GIL, 2010, p. 42). Atualmente é utilizada em diferentes áreas, entre elas a Educação. Sua característica colaborativa possibilita a participação ativa dos sujeitos pesquisados, o que difere da pesquisa básica; principalmente também pelo fato de propor uma intervenção para solucionar a problemática e construção de novos conhecimentos (FRANCO, 2012, p. 181). Sua execução é metodológica, planejada, o processo é analisado e reestruturado durante o seu desenvolvimento. Os participantes conhecem o percurso e o objetivo pretendido. Este tipo de pesquisa é considerado promissor em diferentes áreas de conhecimentos, devido ao seu caráter participativo, em que posiciona os sujeitos em situação de igualdade, com respeito à diversidade, à linguagem, cultura e conhecimentos. A busca por soluções dos problemas é coletiva, visando sempre a transformação de uma realidade social (THIOLLENT, 2006, p. 56-60).

Na pesquisa-ação, a coordenação da investigação é feita pelo pesquisador, entretanto, a tomada de decisões é coletiva. Os diferentes saberes são considerados para uma posterior teorização dos conhecimentos produzidos (SILVEIRA, 2016, p. 194). A dialética poderá ser construtiva quando haver contraposições de ideias; entretanto o objetivo coletivo é que norteará a tomada de decisões. O coordenador não poderá impor sua vontade, se valendo sempre do diálogo e de argumentos construídos a partir dos dados produzidos na pesquisa. A ética e a metodologia devem nortear o processo, evitando manipulações ou interpretações tendenciosas (THIOLLENT, 2006, p. 56-60).

A pesquisa em educação pode ser desenvolvida por pesquisadores universitários, especialistas, mas também pelo próprio professor da educação básica. Programas de Pós-graduação são alternativas promissoras para o fomento de pesquisas que integrem os conhecimentos experienciais e científicos. No Brasil, assim como em outros países, vem crescendo uma concepção sobre a importância do papel do professor como pesquisador, atuando como sujeito investigador da própria prática pedagógica e como construtor de novas teorias (FRANCO, 2012, p. 185).

Entretanto, o método da pesquisa-ação pode apresentar outras contribuições na relação Escola e Universidade, além da investigação científica. Thiollent (2006, p. 153) defende que,

Com ênfase na construção social, a metodologia de pesquisa-ação pode abranger tanto a pesquisa quanto a extensão, tanto o momento da produção como o da difusão, e isso em qualquer área de conhecimento, porém, com mais pertinência em áreas humanas aplicadas (educação, gestão, comunicação, serviço social, desenvolvimento local, tecnologia apropriada, etc.), isto é, em todas as áreas em que o conhecimento possa ser efetivamente mobilizado, orientado para analisar problemas reais e para buscar soluções, tendo em vista transformações úteis para a população (a curto ou médio prazo) (THIOLLENT, 2006, p. 153).

A pesquisa-ação, a partir de investigações participativas e interventivas que oportunizam a argumentação, o diálogo e a participação ativa da comunidade envolvida, tem se mostrado uma alternativa para este trabalho científico, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão (THIOLLENT, 2006, p. 164). A Universidade, historicamente reconhecida por sua experiência em investigações científicas, consegue desenvolver a pesquisa-ação em diferentes projetos em parceria com a escola e comunidade escolar, inclusive no desenvolvimento de ações na área da extensão. Sua aplicação não se restringe ao processo de produção, mas alcança também a difusão dos conhecimentos (THIOLLENT, 2006, p. 164). Uma proposta seria a sua utilização na execução dos projetos integradores, proporcionando um diálogo entre ensino, pesquisa e extensão, nas atividades de estágio, nos cursos de formação continuada ou outras atividades acadêmicas, que propiciem uma ação pedagógica junto aos professores da educação básica. Esta perspectiva quanto ao trabalho docente, tem consolidado uma das funções sociais da educação ao promover transformação e mudança na sociedade.

Refletindo sobre os limites e possibilidades da pesquisa-ação na formação docente, Franco e Lisita (2014, p. 64) defendem que “A pesquisa-ação, para se efetivar, precisa organizar cenários e mecanismos que construam a capacidade de trabalhar junto, a vontade de partilhar no e para o coletivo. Não há práxis sem o saber da convivência coletiva”. O pesquisador deve considerar a opinião dos participantes, durante o processo de construção e execução do projeto. A essência da pesquisa-ação consiste no princípio da liberdade para todos os participantes

colaborarem no processo de intervenção sobre a sua realidade (FRANCO; LISITA, 2014, p. 64). Esta experiência contribui para uma formação social, que possibilita a sobreposição dos objetivos coletivos em detrimento do anseio individual, fomentado pelo modelo de sociedade capitalista.

Uma particularidade da pesquisa em educação, que merece a atenção do investigador, é que esta possui diversas especificidades, visto que abrange um campo com muitas alterações regionais, culturais, históricas e em constante transformação em consonância com os participantes e comunidade envolvida. O seu desenvolvimento deve considerar todas estas variáveis e possibilitar a construção de conhecimentos em todos os sujeitos que dela participam, por meio da mediação e o diálogo (PIMENTA, 2014, p. 11). Quanto maior for a integração entre a pesquisa científica e a prática escolar, melhor qualidade para a formação dos alunos, dos universitários e dos professores pesquisadores, que se identificam em um processo de constante formação e construção de saberes.

### **3. A PESQUISA-AÇÃO COMO PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO NA EDUCAÇÃO: ALGUMAS TÉCNICAS E INSTRUMENTOS PARA A PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

Existem formas diferentes de pesquisa participante na educação, a pesquisa-ação é selecionada para situações específicas que visam a intervenção, de forma colaborativa e reflexiva. Quem se propõe a realizar uma pesquisa-ação, precisa se prontificar a trabalhar coletivamente e oportunizar a escuta de outras vozes em seu projeto científico. A problemática deve ser apontada pelo grupo envolvido, deve ser analisada e contextualizada para então se propor um caminho para sua solução (THIOLLENT, 2011, p. 28, 61, 108). As regras, o cronograma de execução e as ações devem ser amplamente debatidas com os participantes, que se sentirão partes valiosas do processo, o que enriquecerá as reuniões/seminários posteriores, já que a participação se tornará espontânea, diferente de alguns eventos pedagógicos meramente burocráticos para os docentes.

É relevante que o coordenador da pesquisa se atente para o fato de que os detalhes durante a etapa de interação com os sujeitos, corresponde a maior riqueza de informações que os registros comuns não conseguem representar. Uma conversa no grupo focal ou entrevista semiestruturada pode trazer mais informações do que uma análise documental. Cada instrumento corresponde a um objetivo. A partir de estudos teóricos e experienciais com a pesquisa-ação na educação, seguem listados alguns instrumentos, considerados eficazes no

procedimento metodológico deste tipo de pesquisa: o grupo focal, a entrevista semiestruturada, a oficina, o depoimento e a análise documental.

O *grupo focal* trata-se de uma técnica utilizada em diferentes áreas e com diversos objetivos. No Brasil, é comum sua utilização na área da saúde, entretanto, atualmente, compõe processos investigativos na educação e outras ciências sociais. Esta técnica, consiste em selecionar um grupo de indivíduos que vivenciam um problema ou estejam vinculados à uma temática em comum. A seleção pode ser a partir de diferentes critérios, em atendimento ao objetivo da investigação (GATTI, 2012, p. 7, 8, 15).

Algumas características do grupo focal justificam sua relevância no desenvolvimento de pesquisa-ação na educação, entre elas: a capacidade de reunir muita informação em um tempo reduzido; a espontaneidade na fala dos participantes, possibilitando maior interatividade entre os indivíduos; a integração entre os conhecimentos empíricos e científicos; a identificação de saberes culturais, sentimentos, concepções, comportamentos, valores, etc. (GATTI, 2012, p. 10). Em suma, é possível identificar não somente as concepções dos participantes, mas também os processos que subsidiaram a sua constituição. O grupo focal é uma boa alternativa para fazer os participantes pensarem sobre assuntos sobre os quais não tinham dispendido muita atenção antes. Isso torna a expressão ainda mais espontânea na área educacional, o que seria mais difícil identificar utilizando outros recursos mais técnicos como o questionário ou a entrevista, em que a linguagem costuma ser mais formal e monitorada (GATTI, 2012, 10; BARBOUR, 2009, p. 136).

A eficácia desta técnica dependerá do planejamento e da habilidade de mediação do coordenador da pesquisa. As reuniões precisam ser norteadas por um roteiro flexível. O registro pode ser escrito ou gravados na forma de mídia, o que deve ser devidamente autorizado pelos participantes (GATTI, 2012, p. 31). O moderador do grupo precisa saber realizar intervenções produtivas, evitando interromper a fala ou os pensamentos dos participantes. Conhecer o momento propício para intervir ou deixar a discussão transcorrer, é uma habilidade que se desenvolve com a experiência (BARBOUR, 2009, p. 139).

O grupo focal é uma técnica coerente com a proposta da pesquisa-ação, tendo em vista o seu caráter processual, a interação e a ação reflexiva. A sua seleção para uma intervenção na educação exigirá do coordenador habilidades de interação que considerem os fatores emocionais e culturais, entre outros; além da disposição para solucionar conflitos que, porventura, poderão surgir.

A *entrevista semiestruturada*, diferente do grupo focal, exige maior profundidade nas informações coletadas ou produzidas. O planejamento deste recurso consiste em definir sob quais concepções teóricas serão estruturadas as questões. Para tanto, é indispensável um tópico guia para nortear a conversa (GASKELL, 2003, p. 64). Enquanto a entrevista estruturada, já possui questões prontas, a semiestruturada facilita a interação com o participante, sem a impressão de hierarquia entre ambos. As questões não obedecem uma ordem rígida, são flexíveis e o entrevistado pode ampliar a sua fala, abordando temas não propostos inicialmente, mas que poderão ser de grande utilidade para a investigação. Um fator importante para a espontaneidade na entrevista é a criação de um clima confortável, optando pela utilização de uma linguagem adequada ao entrevistado, motivando a reciprocidade no decorrer da conversa. Neste instrumento de pesquisa é possível identificar representações, concepções e sentimentos de uma forma natural e espontânea (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33).

A entrevista exige alguns cuidados durante a sua execução: ao introduzir é interessante explicar o objetivo da pesquisa, contextualizando-a no espaço temporal; justificar a importância da contribuição do entrevistado e a necessidade de registro para auxílio à memória e análise posterior. Outro fator relevante é a observação na mudança de tom, ou de expressões corporais que possam contradizer a informação verbalizada. O pesquisador deve estar atento às distorções, o que exige, na maioria das vezes uma triangulação dos dados coletados com outros instrumentos para fins de comprovação (GASKELL, 2003, p. 65).

Realizar a entrevista semiestruturada na pesquisa-ação na educação é adequado porque oportuniza a participação do sujeito pesquisado em um contexto informal. Os profissionais educacionais tendem a sentir-se desconfortáveis quando se veem em situações que consideram uma avaliação da sua atuação ou do seu discurso. Por outro lado, quando a confiança é conquistada e a espontaneidade é instaurada, uma riqueza de informações pode ser produzida, motivada por questões pertinentes e um ambiente amigável.

A *oficina* é um recurso menos comum, em procedimentos investigativos. Todavia vem sendo empregada em pesquisas cujo papel de intervenção consiste na elaboração coletiva de um resultado, a partir de uma problemática comum em um contexto social (AFONSO, 2000, p. 2). Esta construção facilita os processos interativos e de diálogo entre pesquisador e participantes. O registro pode ser realizado por um colaborador, tendo em vista que fica mais difícil para o coordenador da oficina realizar durante a sua execução.

Um elemento importante é a identidade coletiva entre os participantes. Uma vez estabelecida, o desenvolvimento da oficina discorrerá de forma produtiva. Os participantes precisam sentir-se parte de um todo maior, em prol de um objetivo. Neste sentido, o aprendizado é consequência das diversas interações que ocorrerão, algumas sem a intervenção do coordenador, entre os participantes. Daí a importância de suporte nos registros. Esta técnica é dinâmica e podem passar informações comportamentais ou conceituais despercebidas (AFONSO, 2000, p. 64).

No que diz respeito a pesquisa-ação na educação, a oficina pode ser utilizada para a construção de um produto resultante do processo investigativo. Entretanto, este deve ser discutido, avaliado e construído por todos os sujeitos participantes da pesquisa.

O *depoimento* possui características próprias para a compreensão de uma determinada realidade, contexto, atuação social e na identificação das representações do participante da pesquisa (SANTOS, 2009, p. 4). Seu caráter narrativo, torna a conversa mais espontânea e favorece a aproximação do pesquisador e pesquisado, facilitando a produção de dados autênticos. Permite ainda, observar a problemática e seu contexto sob o olhar do participante, exercendo o princípio da empatia, torna possível compreender fatores emocionais e atitudinais diante da situação investigada.

O relato apresentado na forma de discurso direto contribui para a compreensão e registro das informações. Cada detalhe deve ser cuidadosamente registrado, necessitando nestes casos, do recurso audiovisual; tendo em vista a possibilidade de captar ruídos, imagens, entonação da fala, que auxiliarão, posteriormente, na transcrição e na interpretação dos dados durante a análise (SANTOS, 2009, 135; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003, p. 90).

O depoimento não pode ser a única fonte de informação em uma pesquisa, por menor que seja sua abrangência, não é aconselhável comprometer o reconhecimento de uma investigação científica, utilizando apenas a narrativa para embasar a coleta de dados. A ideia é utilizar diferentes, recursos ou técnicas no intuito de proporcionar uma visão global em torno da problemática em questão. Por outro lado, um aglomerado de informações também não se tornará viável. O equilíbrio entre a quantidade e qualidade do conteúdo produzido é que norteará um trabalho rigoroso de análise qualitativa.

A *pesquisa documental* consiste no estudo de documentos pertinentes à investigação, disponibilizados por instituições e órgãos, por meio físico ou digital. Sua utilização é considerada relevante para investigações cuja abordagem é qualitativa, tendo em vista que pode



complementar informações, obtidas por outras técnicas e diagnosticar novas questões para solucionar a problemática (LUDKE; ANDRÉ 1986, p. 38).

Diferente de outras técnicas de pesquisa, a análise documental objetiva aprofundar o estudo sobre um conteúdo, verificar, comprovar informações. É comum em pesquisas que exigem o conhecimento da legislação, de normatizações, regulamentos, relatórios institucionais, etc. Na área da Educação, é comum utilizá-la para a análise de Projeto Político Pedagógico das unidades escolares, Regulamentos estudantis, Leis educacionais, etc.

A relevância desta técnica está na possibilidade de uma posterior triangulação dos dados coletados por meio dos outros recursos, para fins de complementação e validação da pesquisa (BAUER; GASKELL, 2003, p. 64). A análise documental exige uma dedicação de maior tempo do que outras técnicas, pelo fato de exigir rigoroso cuidado com documentos revogados, substituídos ou não oficiais. A verificação da atualização é relevante para evitar equívocos ou informações desatualizadas. Na área da educação este é um detalhe relevante tendo em vista a frequência em que documentos educacionais podem ser alterados, devido às mudanças na gestão, em políticas públicas e outras situações pertinentes ao contexto escolar.

Não existe uma receita para o desenvolvimento da pesquisa-ação. Os instrumentos apresentados podem auxiliar na execução deste método, como em outros de natureza qualitativa. O planejamento do caminho metodológico, a opção por técnicas e ações coerentes, favorecerá a interpretação dos dados e o atendimento ao objetivo pretendido.

#### **4. METODOLOGIA**

Nos procedimentos metodológicos adotou-se a pesquisa exploratória (GIL, 2008), utilizando o levantamento bibliográfico, a partir da abordagem qualitativa na interpretação dos dados (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Como aportes teóricos, foram selecionados autores considerados referência em suas respectivas temáticas, como Thiollent (2006, 2011) caracterizando a pesquisa-ação e sua relevância na relação Escola-Universidade, Pimenta (2014) discutindo a pesquisa em educação, Ludke e André (1986), Bauer e Gaskell (2003) abordando elementos relacionados à pesquisa qualitativa, Franco (2012) analisando a relação entre pesquisa-ação e formação docente, Barbour (2009) e Gatti (2012) discutindo o grupo focal como técnica de investigação científica, entre outros.

#### **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Investigações científicas diferem a partir de seus objetivos, empregando métodos e técnicas coerentes com suas finalidades. Para uma pesquisa com abordagem qualitativa, o

detalhamento dos procedimentos metodológicos se faz necessário para uma exposição transparente dos recursos utilizados e técnicas selecionadas. O relato documentado, a partir de registros realizados no decorrer de toda a investigação, subsidiará pesquisas futuras e auxiliarão outros pesquisadores a reproduzirem o método empregado, como avançar em sua investigação (LAZARFELD, 1951 *apud* BAUER; GASKELL, 2003, p. 178).

Outro fator relevante para a pesquisa qualitativa é a seleção intencional dos seus participantes. Diferente da pesquisa quantitativa, sua preocupação não é numérica, mas de identificação abstrata, que só poderá ser diagnosticada por meio de recursos adequados. Portanto, o pesquisador precisa conhecer, primariamente, as características que deverão possuir os participantes para contribuir nos resultados da investigação científica (CRESWELL, 2010, p. 25; GASKELL, 2003, p. 64). Na educação, esta etapa significa conquistar o seu participante, ou sua contribuição será superficial, em atendimento a uma solicitação burocrática.

Na pesquisa-ação, o processo de análise antecede o período dedicado a esta atividade, surgindo muitas vezes durante o processo de coleta e produção junto aos participantes. Na realização das reuniões do grupo focal, a qualidade da produção de dados está intimamente relacionada à habilidade do pesquisador em identificar e aproveitar as oportunidades proporcionadas pelo grupo, a fim de potencializar a discussão e obter mais informações que auxiliarão o processo analítico posterior (BARBOUR, 2009, p. 141).

Os dados obtidos por meio de recursos audiovisuais, precisam ser transcritos, preferencialmente, pelo pesquisador. Isso se deve ao fato de que o processo analítico já tem início nesta etapa. A transcrição oportuniza a identificação de mudanças na entonação da voz, hesitações, pausas que precisam serem registradas por escrito para fins de interpretação e análise. O processo de transcrever é longo e por muitas vezes cansativo, todavia merece atenção nas abordagens qualitativas, podendo apresentar uma riqueza de informações, as quais não seriam possíveis obter por outros meios de investigação (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003, p. 179). Na área da educação, por exemplo, é comum desabafos de docentes, relatos exaltados, expressões irônicas ou em tom de humor; que, uma vez contextualizadas a partir da realidade dos participantes, e situadas no tempo e espaço em que ocorreu a coleta de dados, poderão ter uma interpretação mais autêntica dos fatos.

Uma pesquisa-ação, cuja abordagem é qualitativa, necessita de alguns indicadores de confiabilidade, que facilitarão a sua validação no campo da Ciência. Muitos pesquisadores, na busca por uma equivalência entre pesquisa quantitativa e qualitativa, elencam alguns critérios

relevantes para o desenvolvimento de uma investigação científica com enfoque qualitativo. Entre eles a triangulação, contrastando dados; a reflexividade, inerente à interpretação qualitativa; a documentação de procedimentos, apresentada de forma transparente e em coerência com os resultados; o detalhamento na construção do corpus da pesquisa, relevante para a compreensão dos critérios estabelecidos para a seleção de técnicas, participante e campo de investigação; a descrição detalhada dos resultados, evidenciando o processo de análise e a interpretação das informações; e a evidência de surpresa pessoal, apontando para novas concepções contrárias ao senso comum (BAUER; GASKELL, 2003, p. 179). Estes indicadores auxiliam na constituição de uma base metodológica-científica, tanto para o reconhecimento da investigação, quanto para facilitar a reprodução da pesquisa por outros pesquisadores.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola vem se constituindo historicamente como um espaço para coleta e produção de dados, onde é possível identificar problemas e promover uma intervenção ou ação colaborativa em prol de uma solução sistematizada, a partir dos princípios teóricos, empíricos e científicos. No Brasil, projetos de pesquisa aplicada vêm sendo ampliados, por meio dos programas de pós-graduação profissionais, em Cursos de Mestrado e Doutorado. Contudo, mesmo diante de um cenário de fomento à produção na perspectiva da racionalidade técnica, a função da pesquisa aplicada em Educação vai além de construir um produto para a mera reprodução. Seu objetivo integra a ideia de uma formação crítica e emancipatória, a partir de uma intervenção de caráter coletivo.

Utilizar a extensão pode ser uma alternativa, para o aproveitamento qualitativo destes produtos e processos educacionais, oriundos da pesquisa aplicada, no planejamento dos cursos de graduação, de especialização, no cumprimento de estágio, oportunizando maior proximidade prática entre a universidade e a escola. Uma proposição seria a criação de plano a longo prazo, a partir de um eixo integrador, a ser desenvolvido em um processo contínuo de investigação e ação científica na Educação. Nesta proposta, quando um projeto fosse, cronologicamente, concluído, pudesse dar uma sequência por meio de ações extensionistas ou de novas pesquisas, que fossem capazes de avançar a partir da aplicação das teorias, produtos e conhecimentos constituídos.

Embora em descontinuidade nos últimos cinco anos, ações interventivas nas práticas educativas, no Brasil, têm sido executadas por iniciativas do próprio sistema de ensino básico do país, por meio de programas e projetos de formação continuada, fomentados pelo Ministério

da Educação. Todavia, a mudança na prática docente torna-se mais visível quando a proposta nasce no chão da escola, a partir dos questionamentos e das necessidades dos professores da educação básica.

A pesquisa-ação pode ser uma proposta para a integração entre escola e universidade e para o desenvolvimento de investigação científica na área de Educação. O processo deve ser participativo, dialógico e “autointerventivo”. A seleção dos instrumentos adequados ao tipo de pesquisa não só norteará o alcance dos objetivos, como facilitará o processo de construção de novos conhecimentos. Em uma análise documental, é possível obter a coleta pura de dados e informações; enquanto no grupo focal, oficina e entrevista semiestruturada, os dados são produzidos, a partir da interação entre pesquisador e participantes da pesquisa.

O detalhamento das ações, devidamente registrado, confere melhor compreensão sobre a execução do projeto, possibilitando futuras pesquisas. Na pesquisa qualitativa, tal medida se faz necessária para o processo de análise, mas também para validar o procedimento metodológico adotado. Durante a análise de uma pesquisa-ação ainda é necessário estabelecer a integração entre todos os recursos e técnicas utilizados para a obtenção dos dados, de forma a realizar a triangulação, que facilita a interpretação dos dados, no intuito de complementar, aprofundar, confirmar ou contestar informações obtidas por diferentes fontes.

No desenvolvimento de uma pesquisa-ação na educação, a escola, deve ser entendida como um espaço colaborativo de construção de conhecimentos, por meio de uma relação dialética entre sujeitos com culturas e saberes diferentes. Não há espaço para passividade ou receptividade.

A pesquisa-ação possibilita a quebra de paradigmas, a construção e desconstrução de conceitos, a partir da interação entre o pesquisador e os demais participantes. O aprendizado envolve a temática, a solução da problemática e o próprio processo metodológico adotado. Daí a relevância de estabelecer uma coerência, desde a identificação do problema de pesquisa a sua execução prática, optando por técnicas e instrumentos que colaborem para a produção de dados qualitativos e favoreçam o processo de análise.

O diálogo entre a Universidade e escola vem se estruturando em uma base histórica e científica, construída a partir de conhecimentos teóricos e empíricos, que culminam na transposição didática. A pesquisa-ação pode ser uma alternativa para ampliar esta relação, integrando saberes e possibilitando a participação ativa da comunidade escolar no processo investigativo.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, L. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000.
- BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FRANCO, M. A. S.; LISITA, V. M. S. S. Pesquisa-ação: limites e possibilidades na formação docente. In: PIMENTA, S. G.; FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GATTI, B. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber, 2012.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- PIMENTA, S. G. **Introdução**. In: PIMENTA, S. G.; FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.
- SANTOS, T. S. **Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social**. Porto Alegre: Sociologias, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S151745222009000200007>. Acesso em: 29 de mar. 2021.
- SILVEIRA, V. L. L. **Currículo de Língua Portuguesa: Pesquisa-Ação na prática**. Curitiba: Appris, 2016.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 14. ed. Vozes, Petrópolis, 2012.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- THIOLLENT, M. A inserção da pesquisa-ação no contexto da extensão universitária. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. 1. São Paulo: Ed. Ideias e Letras, 2006.